

Homoerotismo e masculinidades

: abordagens sobre o HIV/Aids na revista *Spartacus* (1987-1990)

Victor Melo Pereira

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da
Universidade de São Paulo e bacharel em Jornalismo pela
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

A epidemia do HIV/Aids teve grandes efeitos na população homossexual, impactando o movimento de luta por direitos e gerando uma segunda onda de reivindicações. No que diz respeito à imprensa voltada a esse público, ocorreu ainda uma multiplicidade de veículos considerados como “homoeróticos”, os quais procuraram informar a respeito da doença de modo a não estigmatizar as relações sexuais entre homens. Neste contexto, foi publicada a revista *Spartacus*, que circulou entre 1987 e 1990 e publicou uma coluna chamada “O médico responde”, que tirava dúvidas dos leitores sobre questões de saúde e sexualidade. O objetivo deste artigo é discutir o modo como o periódico abordou esses temas em seus textos e sua relação com o contexto social da época, o qual foi marcado por uma estigmatização da homossexualidade, sobretudo masculina. Neste cenário, a grande mídia e o governo federal veicularam chamadas “alarmistas” a respeito da doença, sem muitos dados sobre prevenção e conscientização. Busca-se, portanto, compreender de que modo *Spartacus* se posicionou neste contexto, uma vez que tinha como público-alvo uma população diretamente afetada pela epidemia. Para esta pesquisa, parte-se de pressupostos da História da Imprensa, História das Relações de Gênero e Sexualidade e História do Tempo Presente.

Palavras-chave HIV/Aids – Imprensa gay – Homossexualidade

Submissão

15/08/2021

Aprovação

24/12/2021

Publicação

03/03/2022

Homoeroticism and Masculinities: Approaches to HIV/AIDS in *Spartacus* Magazine (1987-1990)

Abstract

The HIV/AIDS epidemic has had effects on the homosexual population, impacting the movement to fight for rights and generating a second wave of demands. With regard to the press aimed at this audience, there was also a multiplicity of vehicles considered as “homoerotic”, which sought to inform about the disease so as not to stigmatize sexual relations between men. In this context, the magazine *Spartacus* was published, circulating between 1987 and 1990 and publishing a column called “The doctor answers”, which answered readers’ doubts about health and sexuality issues. The aim of this article is to discuss how the periodical addressed these themes in its texts and its relations with the social context of that time, which was marked by a stigmatization specially of male homosexuality. In this scenario, the mainstream media and the federal government published so-called “alarmists” about the disease, without much data on prevention and awareness. The aim is, therefore, to understand how *Spartacus* positioned itself in this context, since its target audience was a population directly affected by the epidemic. For this research, we start from the assumptions of the History of the Press, the History of Gender and Sexuality Relations and the History of the Present Time.

Keywords HIV/AIDS – Gay Press – Homosexuality

Homoerotismo y masculinidades: aproximaciones al o VIH/sida en la revista *Spartacus* (1987-1990)

Resumen

La epidemia del VIH / SIDA ha tenido grandes efectos en la población homosexual, impactando el movimiento de lucha por los derechos y generando una segunda ola de demandas. En cuanto a la prensa dirigida a este público, también hubo una multiplicidad de vehículos considerados como “homoeróticos”, que buscaban informar sobre la enfermedad para no estigmatizar las relaciones sexuales entre hombres. En este contexto, se publicó la revista *Spartacus*, que circuló entre 1987 y 1990 y publicó una columna llamada “El doctor responde”, que respondía a las dudas de los lectores sobre temas de salud y sexualidad. El objetivo de este artículo es discutir cómo el periódico abordó estos temas en sus textos y su relación con el contexto social de la época, que estuvo marcado por una estigmatización de la homosexualidad, especialmente masculina. En este escenario, los grandes medios de comunicación y el gobierno federal publicaron los llamados “alarmistas” sobre la enfermedad, sin muchos datos sobre prevención y concientización. El objetivo es, por tanto, comprender cómo se posicionó *Spartacus* en este contexto, ya que su público objetivo era una población directamente afectada por la epidemia. Para esta investigación partimos de los supuestos de la Historia de la Prensa, la Historia de las Relaciones de Género y Sexualidad y la Historia de la Actualidad.

Palabras clave VIH/sida – Prensa gay – Homosexualidad

Introdução

Os últimos anos da década de 1980 foram marcados por muitas transições no Brasil, especialmente em decorrência da redemocratização. As eleições voltaram a ter a participação da população e uma nova constituinte foi discutida e votada. Agentes sociais que estiveram à frente dos movimentos de reivindicação de direitos ao longo dos anos precedentes tiveram a oportunidade de legitimar suas pautas e uma nova agenda política começou a ser desenhada.

O país, que havia vivido mais de duas décadas de ditadura militar, passava por um desgaste e por pressões de diversos setores no âmbito institucional. Além de uma crise econômica relacionada à inflação crescente, consoante ao aumento do desemprego e divergências no interior do governo federal, os movimentos sociais expressavam suas insatisfações em uma frente cada vez mais ampla de contestação ao regime.¹

Os movimentos dos operários, das feministas, dos negros, dos homossexuais e contra a carestia se organizaram desde os anos 1970, e passaram a discutir pautas a respeito dos problemas e dificuldades que eram impostos a esses grupos sociais. Entretanto, embora a segunda metade da década tenha viabilizado parte dessas reivindicações, no que diz respeito à homossexualidade, particularmente, outras questões tornaram ainda mais difícil ir adiante. Isso porque, simultaneamente a esses acontecimentos, foi descoberto o vírus causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, o HIV/Aids.

Uma vez que, nos primeiros anos, grande parte dos casos surgiam, principalmente, em homens gays, a doença logo foi associada a esse segmento populacional. Um pânico social e moral se instaurou na sociedade.² Este fator teve um grande impacto na militância homossexual, bem como na imprensa direcionada a este público. De acordo com o sociólogo Carlos Figari,³ enquanto, no início da década, cerca de 20 coletivos atuavam em relação aos direitos dos homossexuais, nos últimos anos isso se reduziria a três. Além dos problemas de âmbito organizacional e financeiro que já se colocavam

1 NAPOLITANO, M. 1964: *história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

2 Simon Watney escreve que, em alguns períodos, determinados grupos passam a ser tratados como “ameaças” aos valores e interesses “comuns” da sociedade. Segundo o autor, essa suposta “coesão” social não se trata algo natural, mas o resultado de uma construção realizada, entre outros aspectos, por um imaginário disseminado pela mídia. Esse processo seria o que ocorreu ao longo da década de 1980, quando homens homossexuais passaram a ser vistos como um “risco” às outras pessoas devido à epidemia de HIV/Aids. Cf. WATNET, S. *Moral Panics. Policing Desire: Pornography, AIDS and the Media*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 38-58

3 FIGARI, C. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no rio de janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

anteriormente para esses grupos se expressarem de forma autônoma, como brigas internas e dificuldades em arrecadar recursos para os projetos que propunham, a descoberta do HIV/Aids dificultou essa articulação; afinal, devido ao fato de muitas pessoas associarem a doença a essa parte da população, potenciais membros evitavam se conectar a esses grupos.⁴

Por outro lado, este é também um período de inflexão no movimento. Os antropólogos Júlio Assis Simões e Regina Facchini⁵ classificam a trajetória da militância de sexualidade e gênero desta época, atualmente entendida como LGBTQIA+, em três períodos. O primeiro se iniciaria no final dos anos 1970 em conjunto com o processo de redemocratização, a princípio focado nas grandes capitais brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, e então expandidas para outras cidades; ele teria características mais comunitárias e antiautoritárias, sem projetos muito bem definidos. Convém ressaltar que, ainda que existissem veículos de comunicação voltados especificamente para o público homossexual pelo menos desde a década de 1960,⁶ é neste contexto de redemocratização que surgiu o primeiro de grande circulação, *Lampião da Esquina*, que atuou também como um baluarte dessas reivindicações da época.⁷

O segundo período apontado surgiria justamente na segunda metade dos anos 1980, ocorrendo uma grande desarticulação na capital paulista, e tendo grupos de destaque situados principalmente no Rio de Janeiro e no nordeste do país; estes seriam mais pragmáticos que os anteriores, e a conscientização e prevenção a respeito da HIV/Aids seriam fatores de propulsão a levá-los à ação.

Em relação à epidemia da doença, a historiadora Maria Cristina da Costa Marques analisa que, antes de 1982, haveria um período que ela denomina de “pré-história” do HIV/Aids. De acordo com a pesquisadora, o resultado das eleições estaduais e as pressões por reformas sanitárias constituíram o cenário no qual toda a questão do vírus ocorreu nos anos seguintes, uma vez que políticos favoráveis a mudanças no sistema de saúde foram eleitos em diferentes regiões do país. O segundo período, entre 1983 e 1986, corresponderia à época em que a epidemia se tornou uma realidade no país, com a

4 TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. Editora Record, 2000.

5 FACCHINI, R; SIMÕES, J. A. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

6 Na década de 1960, surgiu um jornal considerado pioneiro na imprensa voltada ao público homossexual, chamado *O Snob*. A publicação circulou entre 1960 e 1969, sendo mimeografada e distribuída de mão em mão no Rio de Janeiro. Além dela, ao menos 20 outros periódicos de produção semelhante circularam ao longo da década. Cf. COSTA, R. S. M. da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, 2010.

7 FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18/19, 22 set. 2010.

população brasileira passando a saber a respeito da existência do HIV/Aids. De 1987 a 1989 seria, então, o momento em que o governo federal instituiu o denominado Programa Nacional de Aids/HIV, visando implementar ações estratégicas. A esses períodos, seriam sucessores os anos de presidência de Fernando Collor, definido pela autora como “não apenas uma catástrofe nacional no aspecto político como também na gerência da saúde pública”,⁸ por desarticular o Programa Nacional de Aids/HIV; por fim, o período de 1993 em diante, quando as Ongs passaram a receber apoio financeiro de organizações internacionais, principalmente o Banco Mundial.

Neste sentido, este estudo analisa de que forma as questões relacionadas ao HIV/Aids foram abordadas na revista *Spartacus*, uma publicação homoerótica que circulou entre 1987 e 1990,⁹ sendo uma das poucas voltadas ao público gay durante esse período. Remom Bortolozzi aponta que as revistas eróticas atuaram como meio de debate sobre o HIV/Aids ao longo desta virada de década, ainda que tenham existido poucos veículos de comunicação com foco no público homossexual nesta época – mais especificamente, os únicos que existiam então seriam *Jornal Marilyn Monroe* (1986), *revista Narciso* (1987),¹⁰ e *Um Outro Olhar* (1987-1996),¹¹ além da própria *Spartacus*.

Essa análise toma como pressuposto metodológico, portanto, as balizas da História do Tempo Presente. De acordo com Agnès Chauveau e Philippe Tétart,¹² este campo de estudos emergiu em um contexto – o pós-guerra – em que a popularização da televisão fez com que surgisse uma demanda social por explicações profundas a respeito dos acontecimentos. Entretanto, os autores apontam que existem desafios nesta abordagem, devido à presença do historiador no mesmo tempo e ambiente ideológico em que seu tema se desenvolve, o que torna necessário o máximo de abstração possível dessas interferências subjetivas para uma análise mais neutra do objeto.

8 MARQUES, M. C. da C. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 9, p. 41-65, 2002. p. 55

9 Quantidade de edições disponíveis no acervo Bajubá, consultado para o desenvolvimento desta pesquisa; não consta, nas edições, indícios a respeito de continuidade ou descontinuidade da publicação. Até o fechamento deste estudo também não foram encontrados estudos mais aprofundados a respeito da revista.

10 BORTOLOZZI, R. M. O câncer na língua deles: memória pornográfica LGBT na epidemia de HIV/Aids. *Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, V. 1, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30668>>. Acesso em 09 jan. 2021.

11 OLIVEIRA, J. G. da S. *Militância ou profissionalização de gênero? um estudo comparativo na imprensa feminista do Brasil, da Argentina e do Chile (1981-1996)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

12 CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

No que diz respeito à utilização da imprensa como fonte e objeto de estudo, Tânia Regina De Luca¹³ e Maria Helena Capelato¹⁴ indicam algumas informações relevantes a serem observadas neste tipo de análise, como a periodicidade da publicação, características materiais – como tipo de papel e iconografia –, dimensão da circulação – nacional, estadual, municipal ou setorial –, público-alvo, fontes de receita, anúncios, proprietários da organização e principais colaboradores, além de eventuais mudanças na gestão e quadro de funcionários. A análise dessas características permite uma compreensão mais profunda a respeito do papel que o veículo em questão desempenhou no contexto em que estava inserido, além das motivações que o fez ter determinados posicionamentos.

De acordo com Capelato,¹⁵ para uma análise historiográfica da imprensa convém se atentar ainda a elementos internos e externos à publicação utilizada como fonte e objeto de estudo. O primeiro fator diz respeito ao conteúdo e ao modo como ele é organizado, especialmente em relação à diagramação. Neste caso, é notável que os ensaios eróticos masculinos eram o principal em *Spartacus*. Isso não apenas pelo fato de serem a capa de todas as 17 edições, mas também pela abundância deles no interior do veículo, ocupando várias das habituais 32 páginas, geralmente com três ou quatro ensaios de modelos diferentes. Também chama atenção a relação entre os corpos trabalhados, a sexualidade masculina e o foco em um público de homens que se sentissem atraídos por outros homens. Neste sentido, penso que os artigos de opinião e matérias produzidas a respeito do HIV/Aids não estavam “descolados” do conteúdo erótico da revista e do papel que ela teria assumido. A isto convém, portanto, a análise histórico-social do contexto externo ao veículo, e o modo como ele transmitiu os acontecimentos a seus leitores.

De acordo com o antropólogo Pedro Paulo Oliveira, as características relacionadas à masculinidade no Ocidente, do início da modernidade até o presente, seriam projeções dos aspectos considerados mais dignos pela sociedade, como poder, força, coragem, ousadia, imponência, inteligência, entre outros. Esses valores seriam transmitidos por diferentes setores da sociedade – entre eles, a publicidade e a mídia, ao veicularem imagens de guerra, aventura, caça, entre outros, associadas a produtos voltados para o público masculino.¹⁶

13 DE LUCA, T. R. “História dos, nos e por meio dos Periódicos”. PINSKY, C. B. et al.. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 132.

14 CAPELATO, M. H.; VILLAÇA, M.; PRADO, MLC. “A Imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador”. *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanita, 2015. p. 114-136.

15 CAPELATO, op. cit., p. 132-133.

16 OLIVEIRA, P. P. de. *A construção social da masculinidade*. Editora UFMG, 2004.

Em meados do século XX, os movimentos feminista e homossexual questionaram esses padrões impostos. Em alguns casos, ativistas gays procuravam enfatizar em seus comportamentos atributos considerados femininos como forma de se contrapor a esses modelos. No entanto, é necessário levar em consideração que isso não foi uma atitude tomada por todos os homossexuais engajados da época. Facchini e Simões¹⁷ apontam que, enquanto na década de 1960 e 1970, a associação da homossexualidade à feminilidade tenha sido reforçada por parte desta população, o oposto também teria ocorrido, com o surgimento da figura do “*macho man*”, com características consideradas viris, corpos fortes e bigodes espessos. Também o sociólogo Edward Macrae aponta que, mesmo em grupos militantes, havia quem defendesse que os homossexuais passassem uma imagem mais “assimilável” ao restante da sociedade.¹⁸ Além disso, segundo o sociólogo Richard Miskolci, a associação entre homossexualidade e doença sexualmente transmissível teria impactado para o aparecimento no Brasil, durante a década de 1980, da chamada “geração saúde”, adotando um corpo “sarado” como modelo a ser seguido.¹⁹

Para o historiador Alain Corbin, haveria ambientes e situações em que a ênfase feita pelos próprios homens em suas características consideradas “viris” se tornariam mais evidentes. Isso seria algo habitual em ocasiões nas quais eles estivessem reunidos em salas de guarda, tabernas, ou em textos menos submetidos a censuras, como canções libertinas e páginas de jornais íntimos, ou seja, as correspondências trocadas entre eles. Em seu estudo, Corbin observa o modo como a energia sexual era detalhadamente descrita nos relatos dessas correspondências, sendo um aspecto de grande valorização para os homens.²⁰ A isto, é possível traçar um paralelo com a revista *Spartacus*, que, apesar de não produzir escritos necessariamente pessoais – tendo em vista que eram distribuídos em bancas e assinaturas em diversas cidades do país –, ainda assim se situava duplamente à margem: era uma publicação gay, ou seja, de homens para homens, e também erótica, em que seus principais conteúdos diziam respeito aos pressupostos desejos íntimos dos leitores.

Desta forma, esta análise visa compreender de que modo os conteúdos a respeito do HIV/Aids eram abordados²¹ em *Spartacus* em um contexto em que esta revista era

17 FACCHINI, R.; SIMÕES, J. A. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 47

18 MACRAE, E. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. *Stonewall*, v. 40, p. 21-36, 2011.

19 MISKOLCI, R. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Autêntica, 2017.

20 CORBIN, A. “A necessária manifestação da energia sexual”. CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História da virilidade. v. 2. O triunfo da virilidade: o século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 153-192.

21 CHARTIER, R. Defesa e ilustração da noção de representação. *Revista Fronteiras*, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

uma das poucas publicações a se comunicar diretamente com o público gay, enquanto este segmento populacional era um dos principais afetados pela epidemia e passava por forte estigmatização por parte do restante da sociedade. O foco do estudo foi dado às seções “Opinião” e “Especial” e à coluna “O médico responde”, por serem as principais a abordarem o assunto. Em determinados pontos da análise, foi necessário também mencionar os ensaios fotográficos realizados pela revista, devido ao fato de ser o conteúdo mais destacado na publicação e também possuir uma possível relação com o que ela defendia; entretanto, convém salientar que o objetivo não é analisar as imagens e nem a seção desses ensaios, apenas situá-los dentro de um contexto social e político mais amplo.

A Spartacus

Entre 1987 e 1990, a revista *Spartacus* circulou 17 edições, sendo sua periodicidade bimestral. O conteúdo principal oferecido pelo periódico eram ensaios homoeróticos, tanto de modelos brasileiros quanto estrangeiros, estampando a capa e várias páginas da publicação, o que ocupava um espaço de grande destaque em relação ao restante dos conteúdos. Entretanto, o veículo possuía também editoriais com informações sobre arte e cultura, dicas de viagens, contos, entrevistas, correspondências e artigos de opinião sobre política e saúde.

A publicação era redigida e editada na cidade de São Paulo, onde não apenas ocorreu uma dispersão nos movimentos homossexuais do início da década, conforme já citado, mas foi também o território em que surgiram as primeiras respostas ao HIV/Aids, por parte das Ongs que começaram a se organizar durante os anos da epidemia.²²

Ainda que a revista em si não informasse seus locais de distribuição, é possível inferir isso a partir da seção “Entre nessa”, presente em todas as edições, na qual os leitores publicavam recados com informações pessoais como idade, altura, porte físico, cidade, Estado e CEP, geralmente com o intuito de trocar cartas com outros leitores. Apenas na edição número 1 já constavam correspondências de São Paulo, Brasília, Natal, Recife, Curitiba, Uberlândia e Porto Alegre.²³

A revista pertencia à editora *Ki-Bancas*, descrita na contracapa da mesma edição como “a mais conceituada empresa no ramo erótico”. No texto, diz estar comemorando

22 MARQUES, M. C. da C. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 9, p. 41-65, 2002. p. 52.

23 Entre nessa. *Spartacus*, São Paulo, ano 1, n. 1, 1987. p. 26-27.

cinco anos de existência, oferecendo “o que há de melhor em matéria de sexo e mulheres bonitas”,²⁴ citando outras duas publicações, *Master Sex* e *New Rudolf*. Esta última seria uma revista com conteúdos como relações sexuais entre mulheres, em grupo e inclusive zoofilia.²⁵ Na edição número 4 de *Spartacus*,²⁶ consta um texto da editora anunciando que seus produtos eram sempre disponibilizados em bancas, mas que, devido à grande quantidade de pedidos de leitores, passaria a oferecer a opção de assinaturas, de modo que o público poderia receber os produtos no correio mais próximo. O texto é encerrado com a seguinte frase em destaque: “Vantagem: Sigilo, Conforto e Privacidade”. É possível que essa logística tenha se alterado em edições seguintes, pois na de número 16 constam alguns benefícios adicionais, como a possibilidade de obtê-las por um preço congelado durante três publicações e o recebimento da revista “discretamente embalada em seu endereço”.²⁷

Figura 1: Capa da edição número 4 de *Spartacus*



Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 4, 1988, capa; exemplar cedido pelo acervo Bajubá

A redação era composta por Maurício Aricó, Valdo Resende, Cairo e Wagner Costa, possuindo algumas contribuições também de Maria Langbeck e Myrian Alves. As matérias que tratavam sobre saúde eram, geralmente, responsabilidade de Aricó,

24 Parabéns a você. *Spartacus*, São Paulo, ano 1, n. 1, 1987. p. 2.

25 TRUNK, M. As revistas proibidas - parte 3. *Vice Brasil*, 13 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/qkdbmb/as-revistas-proibidas-parte-3>>. Acesso em 10 jan. 2021.

26 KI-BOLSO. Especial. *Spartacus*, São Paulo, ano 2, n. 4, 1988. p. 31.

27 As vantagens de assinar Spartacus. *Spartacus*, São Paulo, ano 3, n. 15, 1989. p. 31.

médico que colaborou ainda com outros veículos de imprensa, como as revistas Nova, Cláudia e Capricho.²⁸

“O médico responde” e as abordagens em relação ao HIV/Aids

As primeiras menções ao HIV/Aids em *Spartacus* apareceram por meio de textos enviados pelos leitores. Na edição número 4, um deles, que assinou como Hélio Alan, dissertou ao longo de uma página inteira sobre as relações homossexuais. Ele então criticou o que chamou de “força moral” que estaria a serviço de poderes econômicos e políticos, e também o isolamento ao qual condicionariam os homossexuais:

Achamos que o momento é de reflexão e manifesto, não só devido à AIDS, mas também porque a sociedade encontrou nela um poderoso aliado para fazer retroceder os pequenos avanços alcançados no campo da sexualidade e o pouco espaço (não meramente físico, mas cultural, artístico, social e espiritual) que alcançamos até agora.²⁹

Embora não tenha sido escrito por nenhum membro da redação, o artigo foi publicado na seção de Opinião, que havia estreado na edição anterior, e que, a partir de então, passava a ser exposta logo no início da revista, na página três.

As aparições seguintes do tema do HIV/Aids começaram a ocorrer também em uma coluna chamada ora de “O médico responde”, ora de “Consulta médica”. Nesta, o conteúdo, em alguns casos, consistia em respostas a perguntas de leitores sobre diversas questões relacionadas à saúde, e, em outros, eram publicados artigos, ambos assinados por Maurício Aricó.

Formado em Dermatologia, Aricó trabalhou dando assistência a pacientes com HIV/Aids desde 1982, fazendo passagem pelos Estados Unidos para estudar. Foi membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia e, em 1987, publicou o livro *Aids: mitos e verdades*, em que informava sobre fatores de risco, sintomas, e dissertava sobre as relações homossexuais.³⁰

Na edição 8, de 1988, Aricó publicou um artigo em *Spartacus* intitulado “CUIDAIDS!”, procurando sintetizar as respostas ao grande número de cartas que recebia com perguntas sobre o HIV/Aids. O texto, de uma página e meia, foi sucinto e direto. Disse que associar o vírus apenas a “grupos de risco” seria “demonstrar

28 ARICÓ, V. M. *Aids: mitos e verdades*. São Paulo: Editora Ícone. 1987.

29 ALAN, H. *Spartacus*, São Paulo, ano 2, n. 4, 1988. Opinião. p. 3.

30 ARICÓ, V. M. op. cit., 1987.

ignorância e preconceito”, e então discorreu sobre os meios de transmissão, sintomas e cuidados que as pessoas deveriam ter para não se contagiar. Finalizou escrevendo que

Se você possuir o teste positivo para a Aids, não se desespere, não são todos os positivos que desenvolverão a doença, mas não doe sangue, plasma, esperma ou órgão. E em caso de dúvidas, informe-se nos Centros de Saúde ou procure seu médico de confiança.³¹

Curiosamente, o tom empregado no texto diferia do modo como o assunto era tratado pelo Ministério da Saúde, que, desde o ano anterior, passou a veicular na televisão campanhas de prevenção e incentivo ao uso de camisinhas. De acordo com a historiadora Grazielle Regina de Amorim Arraes, as propagandas realizadas pelo órgão público geralmente utilizavam slogans com palavras de ordem, como “Aids, você precisa saber evitar!” e “Aids, pare com isso”, além de conter mensagens que davam ênfase a uma associação entre a doença em questão e a morte. Nas campanhas de 1988, por exemplo, eram veiculadas frases como “Lembre-se que a Aids é uma doença mortal, que está se alastrando cada vez mais”.³²

Segundo Carlos Guilherme do Valle, no início da década de 1980 grandes veículos de imprensa – como *Veja* e *Isto é*, analisadas pelo pesquisador – criaram uma determinada “identidade” do HIV/Aids, retratando-o como uma “doença gay” que “avançava” especialmente onde haveria “predomínio da promiscuidade”.³³ Com o passar dos anos e a descoberta de casos também em hemofílicos, mulheres e crianças, o termo “grupo de risco” passou a ser utilizado.³⁴ Além disso, as imagens veiculadas eram frequentemente de pacientes em hospitais, o que, como aponta o autor, “enfaticavam a degradação passiva e inevitável vivida pelos soropositivos”.³⁵ De acordo com o jornalista e ativista João Silvério Trevisan, pioneiro para o surgimento do movimento por direitos sexuais e de gênero no Brasil, a imprensa da época utilizava ainda chamadas “alarmistas”

31 ARICÓ, M. Cuidaidis!. *Spartacus*, São Paulo, ano 2, n. 8, 1988. Opinião. p. 3.

32 ARRAES, G. R. de A. “Do tempo de ‘paz e amor’ para a era do amor contido. *Entre o desejo a culpa: a transformação do comportamento Ssxual e as mudanças da noção de risco nas campanhas de prevenção à Aids no Brasil (1981-2013) e Estados Unidos durante a década de 1980*. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160558/337713sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 13 jan. 2021

33 VALLE, C. G. do. Identidades, doença e organização social: um estudo das pessoas vivendo com HIV e AIDS”. *Horizontes Antropológicos*, v. 8, p. 179-210, 2002.

34 A despeito do uso recorrente dos termos “grupo de risco” nas últimas décadas do século XX, trata-se de um conceito utilizado para discriminar pessoas com determinadas características, de modo que “comportamento de risco” possui uma aplicação mais coerente, uma vez que se refere mais explicitamente às vias de transmissão do HIV/Aids. Cf. LIMA, A. C. T de. “A experiência da Aids para os movimentos civis LGBTs”. *O câncer gay e o orgulho gay: a experiência da Aids para O Movimento LGBT da cidade do Rio De Janeiro (1986-1995)*. Dissertação de Mestrado. Casa Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2019.

35 VALLE, op. cit., p. 185.

para retratar o HIV/Aids, enfatizando o crescimento de casos e mortes. Além disso, pessoas públicas, como jornalistas, radialistas, políticos e líderes religiosos tinham espaço em alguns veículos para criticar os investimentos do governo no programa de combate à doença, defendendo que incentivasse a abstenção sexual e alertasse contra os “perigos da sodomia”.³⁶

Além de evitar esse tipo de linguagem, outro aspecto que diferenciava *Spartacus* das abordagens da época é o fato de suas ênfases serem dadas menos ao comportamento dos indivíduos, e mais a falhas no sistema de saúde e nas políticas públicas. Isso é evidente logo no segundo artigo de Aricó a respeito, publicado na edição número 10, de 1989. A chamada usada no texto é “O Brasil está na U.T.I.”. Neste caso, entretanto, o HIV/Aids é apenas um dos vários problemas criticados pelo autor em seu texto. Os intertítulos foram frases destacadas em negrito no decorrer do texto, ao invés da habitual prática jornalística de separar em blocos com chamadas curtas. Cada um desses destaques foi dado chamando atenção para diferentes questões em relação ao acesso ao sistema de saúde: “Um gigante deitado, não em berço esplêndido, mas combalido”, “Da epidemia da bicha até a Aids, o país não controla suas doenças”, “A política de saúde condena o brasileiro, e especialmente, o nordestino, à fome e à miséria”, “Há cerca de 50 milhões de Jecas Tatus” e “Saúde é um bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. É reforçada ao longo da matéria a opinião de que o poder público não estaria preocupado em prevenir e tratar enfermidades com alta incidência no Brasil, citando a dengue, a febre amarela, o HIV/Aids e a hanseníase. Aricó criticou ainda as altas taxas de subnutrição, os baixos salários da população e inclusive os dados disponibilizados pelos órgãos públicos, afirmando que eles seriam “atingidos pelo mal crônico da subnotificação”. Ao fim do texto, defendeu a implementação de uma “Educação para a Saúde”, e comparou o número de crianças mortas no Brasil com a quantidade do Hemisfério Norte.³⁷

Convém observar que, além do contexto de epidemia do HIV/Aids, essas críticas foram consoantes também a um movimento mais amplo de reivindicação de mudanças no sistema de saúde oferecido pelo Estado. Até então, esses serviços eram centralizados em órgãos como o Sistema Nacional de Saúde, a Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde e o Sistema Nacional de Previdência Social, do qual fazia parte o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). Para ter acesso a isso, entretanto, era necessário possuir vínculo empregatício, o que excluía parte significativa da população brasileira. Em meio às reivindicações do contexto de redemocratização, a

36 TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Editora Record, 2000. p. 451.

37 ARICÓ, M. O Brasil está na U.T.I. *Spartacus*, São Paulo, ano 3, n. 10, 1988. O médico responde. p. 15.

Constituição de 1988 então instituiu o Sistema Único de Saúde, que teria como princípios a universalidade, a integralidade e a equidade na disponibilização desses serviços.³⁸

Papel relevante nesse processo tiveram as chamadas Ong/Aids, que, desde quando surgiram os primeiros casos no Brasil, começaram a se articular para divulgar informações e prestar assistência às pessoas possivelmente acometidas pelo vírus, principalmente homens gays, hemofílicos e usuários de drogas injetáveis.³⁹ É o caso do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), fundado em São Paulo, em 1985, atuando posteriormente em mais Estados; a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), do Rio de Janeiro, que surgiu em 1986; e o Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids (Grupo Pela Vidua), de 1989.⁴⁰

Essa atuação, mais especificamente do GAPA, é inclusive o assunto que iniciou uma matéria de três páginas em *Spartacus*, na edição número 13, desta vez assinada por Valdo Resende. Seis parágrafos foram dedicados a explicar sobre o grupo, e uma coluna da matéria, ao final, foi usada para informar a respeito dos endereços e telefones de contato de 11 unidades da Ong, principalmente de bairros de São Paulo e em capitais do Sudeste, Norte e Nordeste do País. Junto ao título da matéria, cerca de um terço da página, na parte superior, foi protagonizado por anúncios das marcas de camisinha *Lovetex, Jontex, Preserv e Olla*.⁴¹

Entretanto, mais do que divulgar sobre o GAPA, o foco da matéria consistiu em, principalmente, analisar as propostas dos candidatos à presidência da República no que diz respeito à Aids. *Spartacus* fez então um quadro comparativo das políticas anunciadas por Fernando Collor, Mário Covas, Luiz Inácio Lula da Silva, Leonel Brizola, Paulo Maluf e, por fim, uma coluna contendo as respostas que seriam dadas pelo fictício candidato “Ideal”. Este apresentaria respostas defendendo a disseminação de informações na mídia e em escolas de modo “livre de qualquer tom moralizante”, a distribuição de preservativos em penitenciárias e de seringas descartáveis a usuários de

38 GRANGEIRO, A.; SILVA, L. L. da; TEIXEIRA, P. R. *Resposta à Aids no Brasil: contribuições dos movimentos sociais e da reforma sanitária*. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rpsp/2009.v26n1/87-94/pt/>>. Acesso em 13 jan. 2021.

39 GALVÃO, J. *1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/Aids no Brasil e no mundo*. 2002. Disponível em <http://www.abiaids.org.br/_img/media/colecao%20politic%20publicas%20N2.pdf>. Acesso em 13 dez. de 2021.

40 LIMA, A. C. T de. “A experiência da Aids para os movimentos civis LGBTs”. *O câncer gay e o orgulho gay: a experiência da Aids para O Movimento LGBT da cidade do Rio De Janeiro (1986-1995)*. Dissertação de Mestrado. Casa Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2019.

41 RESENDE, V. O programa dos presidentiáveis para AIDS. *Spartacus*, São Paulo, ano 3, n. 13, 1989. Especial. p. 15.

drogas, além de destinar recursos públicos e propor incentivos às empresas para aquisição de medicamentos.

Figura 2: Matéria sobre o GAPA e propostas dos presidenciais



Fonte: revista *Spartacus*, ano III, n. 13, 1989, p. 15; exemplar cedido pelo acervo Bajubá

Curiosamente, essas medidas apresentadas pelo candidato “ideal” tornaram a aparecer na edição 15, também assinada por Resende, mas desta vez nas respostas de Telma de Souza, então prefeita da cidade de Santos, entrevistada para a publicação. A matéria, que ocupou quatro páginas, tratou a respeito da experiência política de Souza, por ser uma das poucas mulheres durante sua precedente atuação como vereadora e deputada, sendo também uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores. A entrevista discorreu ainda sobre as relações do município com os governos estadual e federal e o modo como ela agiu em relação ao HIV/Aids: distribuição de preservativos, criação de uma policlínica no porto, telefone exclusivo para questões relacionadas à doença, distribuição de seringas a usuários de drogas e cartilha de conscientização para alunos a partir da 5ª série.⁴²

A questão das drogas ganhou ainda mais destaque na edição seguinte de *Spartacus*, com um artigo de cinco páginas sobre o tema, intitulado “DROGAS x AIDS: as grandes perdas da década”. Nele, Aricó criticou o comportamento de artistas que apologizavam o uso, as campanhas consideradas ineficientes dos governos e as

42 RESENDE, V. Telma de Souza Prefeita de Santos. *Spartacus*, São Paulo, ano 3, n. 15, 1989. Especial. p. 6.

condições sociais que constituiriam o cenário propício para o vício, vinculados pelo autor principalmente a problemas na família.⁴³

Por fim, a última vez em que o tema é abordado, entre as edições estudadas, é na 17ª publicação, que utilizou como gancho a morte do cantor Cazuza. Novamente, o alvo das críticas é direcionado especialmente ao setor público, mencionando números de presos infectados e questionando a capacidade do sistema previdenciário de atuar nessas questões. Resende criticou também a mídia, por veicular de maneira sensacionalista a morte do artista, ao invés de informar sobre a Aids. “Por que não reservar um terço desse espaço para alertar a população sobre os perigos que corre?”, questionou.⁴⁴

É notável, portanto, que o HIV/Aids parece ter seguido uma escalada em importância na publicação ao longo dos anos, uma vez que a abordagem apareceu por meio dos leitores e, então, passou a ser pauta de artigos cada vez mais frequentes e robustos em quantidade de páginas. Apesar de ser uma revista erótica, *Spartacus* não se limitou a ser apenas um vago entretenimento sexual, pois produziu também críticas sociais e políticas que acompanhavam as discussões ocorridas na sociedade brasileira da época no que diz respeito particularmente a esta questão. Em alguns casos, a publicação parece até mesmo querer se contrapor ao modo como as informações sobre o vírus eram disseminadas em outros veículos da época. Considerando os acontecimentos do período de circulação dessas 17 edições, acredito que esse tenha sido justamente um dos motivos dela ter sido lançada e levada adiante ao longo dos três anos seguintes.

Considerações finais

A análise inicial da fonte, levando em consideração a forma como Aricó e Resende expressavam seus pontos de vista, permite supor ao menos três hipóteses alternativas: a primeira, que a veiculação da opinião de ambos os autores fosse de interesse estratégico para a editora de *Spartacus*, uma vez que os textos deles a respeito do HIV/Aids começaram a aparecer com certa frequência a partir das abordagens iniciais. A segunda é que, pelo fato de não ser um veículo de grande imprensa, talvez a revista não impusesse muitas restrições em seus poucos colaboradores, o que permitiria maior liberdade de escrita. Por fim, a terceira possibilidade é de que os acontecimentos em

43 RICO, M. Drogas × Aids: as grandes perdas da década. *Spartacus*, São Paulo, ano 3, n. 10, 1989. Especial. p. 6.

44 RESENDE, V. Um pouco do muito que não foi dito. *Spartacus*, São Paulo, ano 3, n. 10, 1989. Opinião. p. 3.

relação ao HIV/Aids e ao sistema público de saúde constituíssem um cenário em que essas discussões fossem pertinentes de serem levantadas devido à atualidade da questão.

Convém ressaltar também que é difícil, nesta análise, não vincular as pautas defendidas em *Spartacus* com a atuação de Maurício Aricó, que, por trabalhar na área de medicina, supõe-se que teria proximidade significativa com as questões de saúde postas nos artigos.

Nos textos referentes ao HIV/Aids, *Spartacus* parece se situar em meio a um embate em relação ao tratamento do corpo. Em um contexto de campanhas e notícias apontando de maneira negativa a prática sexual, especialmente entre homens, sugerindo uma responsabilidade individual pela transmissão da doença, a revista optou por expor dados sobre a despreocupação do serviço previdenciário em tratar enfermidades em geral, sendo o HIV/Aids mais uma entre elas. Entretanto, *Spartacus* não ignorou a questão, informando seus leitores a respeito de como procurar assistência e expondo pontos de vista que considerava “ideais” para solucionar o problema, como a distribuição de camisinhas e seringas.

A subnutrição, a malária, a dengue e o uso de drogas injetáveis são alguns dos pontos levantados por *Spartacus* em suas matérias e que se relacionam aos efeitos das políticas e condições sociais no corpo da população. Os três primeiros, por falta de agência do setor público; o último, por influência da mídia. Desta forma, os autores expressaram um posicionamento no que diz respeito à gestão da vida e da morte das pessoas.⁴⁵

Neste sentido, penso que *Spartacus* estava mais interessada em se diferenciar da associação que se estabelecia na época entre sexualidade, fraqueza e morte, principalmente no que diz respeito à homossexualidade masculina. É importante ressaltar que o estigma dessas relações surgiu particularmente em meio a um contexto em que a liberdade sexual era reivindicada por parte dos homossexuais da época, e a qual essa defesa teve grande participação de homens gays.

Desta forma, convém observar, portanto, o valor atribuído à sexualidade por parte desses homens que não estariam totalmente enquadrados na matriz heterocentrada.⁴⁶ Entendo aqui, portanto, que *Spartacus* tinha um papel ambíguo nessas questões. Isso porque, por um lado, ia na contramão das representações enfraquecidas e fragilizantes oferecidas por grandes instituições em relação aos homossexuais. A revista fazia isso reforçando os corpos fortes por meio de seus ensaios; defendendo a liberdade individual de dispor do próprio corpo – como no caso do uso das drogas –, mesmo quando

45 FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

46 BUTLER, J. “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

demonstrava discordar do comportamento; responsabilizando o Estado e a sociedade pelas condições precárias de saúde; e divulgando meios de contato entre os homossexuais – como na matéria sobre o GAPA e as correspondências entre leitores.

Por outro lado, essa sexualidade “saudável” aparecia também em consonância com determinados aspectos de gênero associados à masculinidade, como os descritos por Oliveira e Corbin, e também à heteronormatividade. Além disso, diferentemente de outras publicações que veicularam com foco no público homossexual, principalmente nos anos anteriores, *Spartacus* não tinha como questão central a militância, mas o consumo por parte de um segmento da sociedade. Desta forma, suas defesas parecem atuar não somente no que diz respeito aos costumes, mas também de modo a viabilizar mercados expressivos – o erótico e o que perceberia oportunidades de rentabilidade com o público homossexual, que anos mais tarde seria popularmente conhecido no Brasil como GLS.⁴⁷

Embora não seja novidade a discussão de que o movimento homossexual/gay/LGBTQIA+ teria assumido vieses mais voltados ao consumismo com o passar dos anos, acredito que o papel de *Spartacus* no contexto do HIV/Aids está relacionado não apenas a esta parte da população, mas também a diversos outros segmentos da sociedade. Isto é, a aparente tentativa de equilíbrio entre a reivindicação de direitos e as oportunidades de mercado em meio a uma emergente democracia não seria exclusividade de um grupo ou segmento, mas de um contexto social em que as fronteiras entre ambos os mundos parecem passar por um processo de desvanecimento.

47 PÉRET, F. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.